

LEOPOLDO MARÍA PANERO: UM PASSEIO PELOS BOSQUES DA LOUCURA

LEOPOLDO MARÍA PANERO: A WALK THROUGH THE WOODS MADNESS

Vinicius Silva de Lima (UEL)

RESUMO: Este trabalho tem como principal objetivo apresentar a poesia do espanhol Leopoldo María Panero e seu diálogo com uma tradição de subversão literária e de costumes. Mostramos também a relação da obra do poeta com a loucura e a forma como esta é retratada em seus poemas. Panero promove em seus escritos uma aproximação entre vida e obra, usando a literatura como um instrumento de denúncia da falência das instituições modernas, principalmente dos Hospitais Psiquiátricos. O poeta espanhol pode ser considerado mais uma vítima do sistema de exclusão e confinamento social profundamente estudado por Michel Foucault na sua História da Loucura.

PALAVRAS-CHAVE: Leopoldo María Panero. Poesia Espanhola. Loucura.

ABSTRACT: This paper has as main objective to present the Spanish poetry of Leopoldo María Panero and his dialogue with a literary tradition of subversion and customs. We also show the relationship of the poet's work with madness and how it is portrayed in his poems. Panero promotes in his writings a rapprochement between life and work, using literature as an instrument of denunciation of the failure of modern institutions, mainly from psychiatric hospitals. The Spanish poet may be considered a victim of the system of social exclusion and confinement deeply studied by Michel Foucault in his History of Madness.

KEYWORDS: Leopoldo María Panero. Spanish Poetry. Madness

Eu entrei dentro dos quinto dos inferno
Mas tudo que eu falo é o planeta.
(Jardelina da Silva)

Tudo que é imaginário tem, existe, é.
(Estamira)

1. O ÚLTIMO POETA

Existe na tradição literária um grupo de poetas que se centra no feio, no grotesco e no escândalo, concebendo o poema como algo repulsivo e infernal (Baudelaire, Lautréamont, George Trakl) e o ato poético como uma expressão alquímica e ocultista (Rimbaud, Gerard de Nerval). Um verdadeiro mergulho nos abismos da existência como já apontado por Henri Michaux ao longo de toda sua obra.

Leopoldo María Panero se aproxima desta plêiade de trovadores que há tempos assombram o universo literário com suas vozes escatológicas e revolucionárias, subvertendo todas as normas de decoro e bom gosto e revelando as sombras e tabus de uma sociedade doente. Panero optou pela longa travessia pelos “bosques da loucura”, escolha essa que lhe custou um alto preço: o cárcere e a incompreensão.

Estação Literária

Anarquista, pederasta, satanista, bêbado, vagabundo e louco. Muitos são os adjetivos empregados para definir o poeta espanhol. De uma forma ou de outra, todos seus escritos são autobiográficos. A autocontemplação, aliada a uma postura autodestrutiva, é um dos pontos-chaves de sua obra. Assim como Artaud, é impossível definir com exatidão onde termina a vida e começa a obra.

Leopoldo María Panero nasceu em Madri, em 1948. Incluído muito jovem na famosa antologia *Nueve novísimos poetas españoles* (1970), organizada por José María Castellet, Panero pode ser considerado um poeta terminal, ou *último poeta*, nas palavras de Tua Blesa, crítico literário espanhol e principal estudioso de sua obra. É visível a presença dos vultos de poetas como Rimbaud, Lautrèamont, Blake, Bataille, Mallarmé e Baudelaire em seus escritos, ora como personagens, ora na forma de citações diretas de seus textos, dando à obra do poeta uma polifonia e profundidade lírica explosiva, transgressora e rigorosa. Opondo-se a todos os valores sociais vigentes, o poeta propõe uma poética da crueldade, como bem idealizou Artaud.

Filho do poeta oficial do franquismo, Leopoldo Panero e de Felicidad Blanc, figura onipresente e constantemente citada ao longo de toda sua obra, na juventude descobre a política e se envolve na militância anti-franquista, filiando-se ao Partido Comunista Espanhol, fato este que vai lhe render a primeira prisão, onde tem pela primeira vez, contato com as drogas. A partir de então sua vida assume um rumo digno de um legítimo poeta romântico. Torna-se alcoólatra e começa a sofrer fortes crises de depressão. Tenta o suicídio duas vezes.

A vida errática e experimental que o poeta levava, aliada às suas posições políticas radicais e suas experiências com as drogas, acabou forçando seus pais a interná-lo aos 21 anos no manicômio Tafira (Las Palmas, nas Grandes Canárias). Desde então o poeta vive entre pensões baratas, bancos de praças e hospitais psiquiátricos, mantendo uma verdadeira vida de “outsider”. Com isso, Panero tornou-se um dos únicos casos de poetas realmente malditos conhecidos na moderna literatura espanhola.

Com certeza podemos considerar Panero mais uma vítima do sistema de exclusão e confinamento social profundamente estudado por Michel Foucault na sua *História da Loucura* (2009).

2. LOUCURA, INTERNAMENTO E VIGÍLIA

Uma das questões fundamentais tratadas por Michel Foucault, em sua obra *Historia da Loucura*, é a relação existente entre razão e loucura, ou seja, a história da loucura não pode ser desvinculada da história da razão. Para o filósofo, razão e loucura são resultados de uma cisão no interior da linguagem, cisão esta que produz de um lado a razão como um elemento de positividade, como uma afirmação, e de outro lado a loucura como seu negativo, ou seja, ausência de razão. Foucault detecta ao longo de seu estudo que enquanto estas duas instâncias estiverem em comunicação, enquanto existir qualquer tipo de troca entre as duas, a razão estará ameaçada pelo contágio do delírio, da ilusão. Portanto, para que essa razão moderna fosse fundada, foi preciso excluir a loucura do domínio da linguagem.

A constatação que Foucault faz é de que na modernidade não há mais comunicação entre a razão e a loucura; são duas dimensões isoladas marcadas por uma inexistência de linguagem comum. Temos então de um lado o louco como alguém enfermo, e de outro o médico como o detentor de um saber sobre a doença e sobre a cura para a mesma.

O que interessa para Foucault não é uma história da psiquiatria ou da linguagem médica, e sim a arqueologia do silêncio que a loucura esteve confinada ao longo de toda a história do ocidente.

No centro da análise de Foucault está a época clássica. É neste período que ele visualiza a ocorrência da cisão entre razão e loucura. Esta cisão, que nega à razão qualquer manifestação de delírio, vai gerar, ao mesmo tempo, razão e loucura, e o domínio da primeira sobre a segunda.

O que a Idade Clássica viu nascer, de alguma forma já estava presente desde o renascimento. Se na Idade Média, a loucura é percebida na esfera do sagrado, ou seja, é vista como algo divino ou alguma maldição ligada ao metafísico, na Renascença surge como um saber sobre o mundo, um saber trágico, temível, mas que fascina o homem. Mesmo no campo da razão, a loucura é considerada, reivindica um espaço. É ainda no Renascimento que Foucault identifica o princípio do processo de exclusão da loucura do domínio da linguagem, que será aperfeiçoada com o período clássico e a Modernidade.

O deslocamento da percepção da loucura do Renascimento para a Idade Clássica se dá com a loucura assumindo o papel de oposição da razão, ou seja, uma desrazão. Ao se excluir a razão da loucura, aprisiona-se a loucura dentro da razão. Agora, o estatuto da loucura é a razão e todos aqueles que ameacem a integridade deste estatuto devem ser isolados do resto da sociedade. É o que Foucault vai chamar de A Grande Internação. Segundo o filósofo, “o Classicismo inventou o internamento, um pouco como a Idade Média a segregação dos leprosos; o vazio deixado por estes foi ocupado por novas personagens no mundo europeu: são os ‘internos’” (Foucault 2009: 53).

A Grande Internação teria segundo Foucault, uma característica moral e social. Moral no sentido de punição, e social no sentido de controle. Desta forma, “o gesto que aprisiona não é mais simples: também ele tem significações políticas, sociais, religiosas, econômicas, morais” (Foucault 2009: 53).

Com o início da Modernidade e os avanços da medicina, há uma desmistificação da figura do louco, que deixa de ser o sujeito possuído pelas musas, ou aquele que espia seus pecados, para se tornar todo aquele que não se enquadra nos parâmetros da sociedade burguesa. Além disto, a loucura passa a ser matéria de estudo por parte da medicina, culminado com o surgimento da psicanálise.

No final do século XIX e início do século XX, ao serem inseridas questões sociais como evidências para internamento psiquiátrico, houve um alargamento do conceito de loucura. Este fato tornou qualquer um passível de ser atingido pela enfermidade e conseqüentemente ser encaminhado para um hospício. O número de pacientes aumentou consideravelmente, haja vista que os critérios para internação se tornaram amplos e subjetivos, como relata Maria Clementina Pereira Cunha (1988):

O alcoolismo, a pobreza, a ignorância, a má alimentação começam e ser vistos como possíveis detonadores da loucura que atinge, em sua nova leitura, sobretudo a parcela dos trabalhadores urbanos submetidos às agruras da “luta pela vida”. Já não se tratava apenas de esconjurar o fantasma da loucura, de delimitar e acusar seus perigos, de localizar seus agentes no espaço social e excluí-los através das tecnologias médicas. Tratava-se agora de normalizar o social, dirigir a intervenção médica à tarefa de impedir a loucura – fazendo do homem “normal”, do indivíduo “sadio”, o seu objeto (Cunha 1988: 179-80).

Para Sandra Pesavento (1993), “a questão social se coloca como problema, como realidade inevitável, evidente, indesejável, sobretudo, mas sobre a qual é preciso agir, para identificar, controlar, disciplinar”. (Pesavento 1993: 113).

A psiquiatria, o sistema asilar e o internamento passam a ser usados como armas de controle social que produzem apenas segregação social e marginalidade. O louco passa a ser um alienado, aquele que não tem capacidade de decidir nada na sociedade. A segregação produziu então o ser associal.

É na literatura do século XIX, através de escritores como Sade, Holderlin, Raymond Roussel, Mallarmé, Artaud, entre outros, que a loucura volta a se manifestar. O louco deixa de ser o personagem, aquele de quem se fala para se tornar aquele que detém a fala. Podemos até arriscar dizer que atrás de um autor moderno esconde-se sempre a sombra de um louco.

Esta literatura instaura, no domínio da linguagem, uma urgência em se resgatar o discurso dos excluídos, colocando em crise a própria linguagem literária. Desta forma, personagens como Artaud, poderão, um dia, deixar de ser apenas uma ruptura do discurso para se tornarem fundadores de uma nova linguagem literária. Esta nova linguagem nasceria, portanto, de uma determinada relação com a loucura, que já pode ser identificada na literatura moderna. O que provocaria uma mudança no estatuto da linguagem, desta forma, nossa linguagem passaria a se relacionar com aquilo que exclui. Segundo Viviane Mosé (2009):

O irrompimento de um discurso excluído, no interior da linguagem que o exclui, corresponderia, em uma certa medida, à inclusão de um novo código no conjunto dos códigos usuais: um código que explicitaria a impossibilidade mesma da significação. Ou seja, cada fala deste novo discurso diria, não somente o que diz, mas enunciaria ainda sua própria limitação. Como se disséssemos alguma coisa e ao mesmo tempo anunciássemos que isto que está sendo dito é código, isto é, uma transposição metafórica. Desta forma não teríamos apenas uma linguagem, mas duas, simultaneamente: a que atribui sentido, a que literalmente diz, e a outra, a nos lembrar que toda significação repousa sobre um fluxo contínuo, impossível de ser dito. Este gesto permitiria tornar explícito, no ato mesmo da fala, o procedimento que deu nascimento a linguagem (Mosé 2009: 33-4).

Podemos observar em Leopoldo María Panero um diálogo com essa tradição nascida no início do século XX, em especial com a figura de Artaud, de poetas e artistas conturbados, marginalizados e afetados por uma sociedade repressora que exclui e aprisiona aqueles que ousam manchar a ditadura da razão com o delírio e a loucura.

3. PANERO E A LOUCURA

Geralmente a loucura, como estado de extremo sofrimento psíquico, cala o artista, mergulhando-o em um profundo silenciamento existencial e criativo. Em outro viés, sua subjetividade deteriorada o conduz a uma tagarelice sem fim, cujo sentido fica

comprometido, o que também equivale a um silêncio. De acordo com Foucault, para quem a loucura é o último estágio anterior a morte, a insanidade representou para muitos artistas como Nerval, Allan Poe, Van Gogh, Nietzsche e Artaud, a supressão de suas obras, ou seja, o silenciamento da criação.

No entanto, para outros artistas a loucura se manifesta não como um apagamento total do discurso, mas como uma possibilidade de repensar o drama psíquico a partir da criação artística. Desta forma, mesmo mergulhados nesse universo da loucura e todos os problemas sociais decorrentes dela, como isolamento, preconceito e marginalização, estes artistas ainda conseguem promover um intenso embate com o mundo e com sua criatividade e produzir uma obra criativa de peso. É o que acontece com o poeta espanhol Leopoldo María Panero, cuja vasta obra é um profundo e rico enfrentamento do mundo moderno, em que o autor busca organizar, através da escrita, sua tumultuada e sofrida vida de prisões e internamentos, conseguindo ainda transformar estas experiências em material literário de qualidade.

Leitor de Lacan e crítico fervoroso da psiquiatria, muitos de seus poemas são usados como instrumentos de denúncia dos maus-tratos praticados contra os assim chamados “doentes mentais”.

EL LOCO MIRANDO DESDE LA PUERTA DEL JARDÍN

Hombre normal que por un momento
cruzas tu vida con la del esperpento
has de saber que no fue por matar al pelícano
sino por nada por lo que yazgo aquí entre otros sepulcros
y que a nada sino al azar y a ninguna voluntad sagrada
de demonio o de dios debo mi ruina (Panero 2001: 356).

Neste texto, Panero denuncia de forma clara a ausência de motivos para seu internamento, mostrando a lucidez que carrega consigo no que se refere ao suposto estado de loucura que a sociedade o condenou.

Panero é, seguramente, o louco que mais tem falado da loucura. “Pues cada ser humano puede ser en potencia un psiquiatra, con sólo prestarnos la ayuda de su espejo” (Panero 1987: 63), escrevia em “Acerca del caso Dreyfuss sin Zola o la casualidad diabólica. El fin de la Psiquiatria” (1987), uma espécie de manifesto antipsiquiátrico.

Além desta obra, muitas outras trazem a questão da loucura como assunto. Podemos afirmar que a questão do delírio, do discurso deslocado e da automarginalização povoa toda a produção de Panero. Porém, todo este universo aparentemente nebuloso, impalpável, em que a “poesía de la locura quiere decir poesía opaca, dura, impermeable al signo, a la razón, semejante todo lo más a la pintura abstracta” (Panero, apud García 2008: 01), é para o poeta fruto de um extremo exercício de lucidez.

No “Prefácio” que abre seu livro *El último hombre* (1983), Panero é bastante enfático em apresentar a poesia como um trabalho de artesão, que consiste em um profundo exercício com as palavras:

También he de decir, en esta suerte de POÉTICA, que, al igual Mallarmé, no creo en la inspiración. La literatura, como decía Pound, es un trabajo, un job, y todo lo que en ella nos cabe es hacer un buen

Estação Literária

trabajo, y ser comprendidos, cal trovar non porta altre chaptal (porque cantar no recibe otro capital), como afirmara la Comtessa de Dia. Algo que no sabe decididamente el poeta inspirado es que trovar es difícil, que la buena poesía no cae del cielo, ni espera nada de la juventud o el deseo. (Panero 2001: 287 - 8)

Fica claro, portanto, que para Panero, o trabalho poético é antes de tudo fruto de uma lucidez. O poeta questiona a idéia de que a arte produzida por loucos é sempre uma criação delirante, descontrolada, resultado de uma desrazão. O ofício da poesia seria o casamento da inspiração e da técnica.

Outro ponto bastante discutido por Leopoldo María Panero é a sua posição como louco e a crítica ao modelo que produz a loucura e o internamento. O poeta espanhol, que hoje reside na Unidad Psiquiátrica de Las Palmas de Gran Canaria, não aceita o diagnóstico de louco. Quando questionado por um jornal espanhol se existe ou não a loucura, Panero responde categórico: “No. Los locos son gente muy puteada y se esconden para que no les hagan más daño” (Panero 2005: 01).

Panero vai ao encontro do que diz Foucault, no que se refere ao dispositivo médico que cuida dos loucos sobre a psicanálise. Para Foucault só existe o louco, a figura da loucura é criada no século XVII pela norma social, não existindo, portanto uma loucura pré-existente. Podemos encontrar alguns comportamentos desviados, mas a loucura é uma construção social. A briga de Foucault com a psicanálise é que esta fala de uma estrutura psíquica pré-social, coisa incabível para o filósofo, que defende que o social é anterior à estrutura psíquica do sujeito. Para ele, é a cultura que forma e molda o indivíduo.

Com relação à cultura do internamento, Panero é enfático em afirmar que “todo ingreso es un secuestro clínico, toda internación es ilegal. Allí se tortura: no dejan fumar, te hacen hacer la cama siete veces, azuzan a los locos contra mí y no les atan... Atan a los viejecitos por nada y a esos cabrones no los atan” (Panero 2005: 01).

Como Foucault mostra bem, a relação que é estabelecida entre o hospital geral, a polícia e o hospital psiquiátrico nos deixam brechas para pensarmos em um sistema de vigília e controle social. Por outro lado, temos uma valorização do hospital psiquiátrico por parte da sociedade e pelas autoridades, e uma elevação social da figura do médico, que via no seu reconhecimento um aumento do poder político e uma legitimação dos seus serviços. Nem que para isso fosse preciso manter os hospitais lotados de pessoas que muitas das vezes não precisariam estar confinadas naquele local. Algo parecido com o que observamos no sistema penitenciário.

Leopoldo María Panero denuncia o sistema psiquiátrico, em especial os médicos, dizendo que “los psiquiatras son como los detectives. Su interrogatorio utiliza las mismas técnicas que el policial; el psiquiatra piensa, infaliblemente, que su víctima miente (Panero 2005 a: 01). Para Yonissa Wadi a aceitação social foi fundamental para a solidificação deste sistema manicomial:

Como limitar o ingresso de alienados na instituição, na medida em que existe a demanda e se, na concepção da psiquiatria nascente, o Hospício é visto como essencial ao tratamento e cura dos doentes mentais? Os alienistas não podiam deixar-se levar por ela, pois a compreensão, por parte da sociedade, de que um espaço hospitalar específico – o hospício – era essencial para a resolução da doença mental, e também fundamental

para a consolidação de seu poder, para a afirmação do saber médico como o saber por excelência sobre a loucura. O reconhecimento parcial pelas autoridades e pela sociedade – indicada pela reivindicação do espaço do Hospício para acolhimento da loucura - não podia, assim, ser menosprezado pelos médicos, sob pena do recuo na sua investida de poder (Wadi 2002: 139).

Desta forma, o hospital psiquiátrico foi o local de reclusão daquelas pessoas tidas como anormais que encontravam na loucura um diagnóstico. Legitimado pela sociedade e autoridades, como a polícia, esses hospitais talvez tenham sido os únicos locais de tratamento para aqueles que não encontravam acolhimento em nenhuma outra instituição.

No caso específico de Leopoldo María Panero, mesmo com as constantes reclusões em prisões e manicômios, nada impediu que produzisse uma extensa bibliografia, que abrange desde a poesia, o conto e o ensaio. Panero é também responsável pela tradução para o espanhol de importantes obras de autores como Lewis Carroll (*Matemática Demente, A casa de Snarck*), e J. M. Barrie (*Peter Pan*).

Em seu primeiro livro realmente importante (o poeta lançou uma plaquete em 1968 intitulada *Por el camión de Swan*), *Así se fundó Carnaby Street* (1970), considerado por grande parte da crítica como uma das mais importantes obras poéticas em língua espanhola do século XX, deste modo, Panero rompe com a forma habitual do poema. Trata-se de uma poesia em prosa cortante, repleta de citações da cultura de massas: cinema, HQ, notícias de jornais e música. Convivem, portanto em seus textos, personagens fictícios como o Mágico de Oz, Capitão Gancho, e figuras históricas como Che Guevara ou Lênin. O poeta utiliza estes elementos ressignificando-os, e geralmente promovendo uma atualização dos mitos para o presente:

ÉRASE UNA VEZ

Cuentan que la Bella Durmiente
nunca despertó de su sueño. (Panero 2001: 67)

Neste pequeno texto, quase um haikai, Panero reutiliza a estória da Bela Adormecida, uma fábula universal, para criticar o estado de letargia e passividade que a sociedade espanhola se encontrava, encerrada dentro dos muros das igrejas, escolas e fábricas.

Depois desta primeira experiência, vieram inúmeras outras obras, das quais podemos destacar: *Teoría* (1973), *Last River Together* (1980), *Dos relatos y una perversión* (1984), *Contra España y otros poema de no amor* (1990), *Orfebre* (1994), *Teoría del miedo* (2000), *Esquizofrénicas o la balada de la lámpara azul* (2004), *Sombra* (2008), *Esphera* (2009) e *Reflexión* (2010).

Escritor de cultura enciclopédica (em muitas de suas entrevistas cita de cabeça trechos de textos de outros autores) Panero pode muitas vezes ser comparado ao francês François Villon que no século XV também aliou uma vida intelectual com a marginalidade e o submundo de Paris.

Além das influências de autores europeus como Rimbaud, Lorca, Breton, Artaud, a obra de Panero dialoga com a de diversos escritores latino-americanos, como a voz enferma e fraturada de Vallejo, a autoparódia e antipoesia de Nicanor Parra, a

Estação Literária

postura política de um Rodolfo Hinostroza, a amargura suicida de Alejandra Pizarnik e o surrealismo povoado por deuses pagãos dos brasileiros Roberto Piva e Cláudio Willer.

Passados mais de quarenta anos desde a publicação de seu primeiro livro, Panero segue maldito, escrevendo pelos becos escuros das cidades. Enquanto seus pares ganham prêmios, ocupam cargos importantes e discutem o futuro da poesia e das letras, em universidades, encontros literários e meios de comunicação, Panero segue vivendo e escrevendo em bancos de praças, pensões, cárceres e manicômios.

Ao atacar a tudo e a todos, ao buscar inclusive sua própria destruição, declara seu profundo desprezo pelo mundo. A missão do poeta, neste sentido, segue sendo a de proporcionar uma consciência crítica ante o suposto bem estar da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O Espelho do Mundo: Juquery, a história de um asilo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GARCÍA, SALVADOR. Leopoldo Maria Panero, El último tabú español. In: *La Jornada Morelos*, Cuernavaca, México, 2008. Disponível em <<http://www.lajornadamorelos.com/columnas/vientre-de-cabra/62482-leopoldo-maria-panero-el-ultimo-tabu-espanol-y-ii>>. Acesso em 20 jan. 2011.

MOSÉ, Viviane. Stela do Patrocínio: Uma Trajetória poética em uma instituição psiquiátrica. In: PATROCÍNIO, Stela. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2009. p.13-35

PANERO, Leopoldo Maria. España es la que está loca, no yo: Entrevista por Miguel Mora y Jesús Ruiz Mantilla. In: *El País*, Espanha, 9 de Agosto de 2005. Disponível em <http://www.elpais.com/articulo/ultima/Espana/loca/elpportec/20050809elpepiult_1/Te#despiece1>. Acesso em 21 jan. 2011.

_____. Matemática de la locura: Entrevista por Francisco Véjar. In: *Rocinante*, n. 84. Santiago, Chile, Outubro 2005 a. Disponível em: <http://www.letras.s5.com/fv161005.htm>. Acesso em 24 jan. 2011.

_____. *Poemas del manicomio de Mondragón*. Madri, Espanha: Ediciones Hiperión, 1987.

_____. *Poesía Completa*. Madri, Espanha: Visor Libros, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens da Violência: o discurso criminalista na Porto Alegre do fim do século. In: *Humanas: Revista do IFCH – UFRGS*, Porto Alegre, v.16, n. 2, jul./dez., 1993, p. 109 – 131.

WADI, Yonissa Marmitt. *Palácio para guardar doídos: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

Artigo recebido em 29 de junho de 2011 e aprovado em 30 de julho de 2011.